

PLACENTITE EM ÉGUAS: REVISÃO DE LITERATURA

Aline Carol de Albuquerque* ; Mônica Maria de Souza Lima**; Juli Angélica Narváez
Cancimansi***

RESUMO

A placentite é uma das principais causas de perdas gestacionais em éguas, incluindo abortamentos, natimortos, perdas perinatais e problemas de fertilidade na temporada reprodutiva, resultando em significativos prejuízos econômicos para criadores. A maioria dos casos é desencadeada por infecções bacterianas que ascendem pelo canal vaginal; no entanto, infecções via hematogênica também podem ocorrer, nas quais os patógenos alcançam o útero através da corrente sanguínea. Os sinais clínicos mais frequentes incluem o desenvolvimento precoce do úbere, secreção vaginal e aborto. Entretanto, nem sempre esses sinais estão presentes, uma vez que a doença pode se manifestar de forma subclínica, o que dificulta o diagnóstico. Os métodos diagnósticos mais recomendados incluem ultrassonografia transretal e transabdominal, além da cultura bacteriana da secreção vaginal e da análise da placenta após o parto. O tratamento tem como objetivo combater a infecção, reduzir a inflamação e controlar a contração uterina. Este estudo tem como objetivo revisar a literatura sobre placentite em éguas, com ênfase nas principais estratégias diagnósticas, especialmente na detecção precoce, além de abordar medidas preventivas voltadas à redução da incidência da doença.

Palavras-chave: Perdas gestacionais. Equino. Placenta. Aborto.

1 INTRODUÇÃO

A criação de cavalos no Brasil destaca-se anualmente, abrangendo uma variedade de atividades econômicas, desde a produção e comercialização de animais atletas até a realização de trabalhos rurais. Os equinos desempenham um papel significativo no crescimento econômico do país, resultante dos contínuos procedimentos reprodutivos que visam obter potros para competições de corridas e vaquejadas. Nesse contexto, as perdas gestacionais em éguas é um problema significativo, impactando tanto a produtividade quanto a economia do setor. A placentite se configura como uma das principais causa de abortos, partos prematuros e

*Discente de Medicina Veterinária, Centro Universitário FACOL (UNIFACOL). e-mail:

alinec.albuquerque@unifacol.edu.br

** Discente de Medicina Veterinária, Centro Universitário FACOL (UNIFACOL). e-mail:

monicam.lima@unifacol.edu.br

***Docente do Curso de Medicina Veterinária; Centro Universitário FACOL (UNIFACOL); e-mail:

julia.cancimansi@unifacol.edu.br

nascimentos de potros comprometidos e inviáveis (LeBlanc, 2010; Krebs, 2019). O diagnóstico e o tratamento da placentite em éguas apresentam-se como desafios substanciais (Prochno, 2018). Os agentes etiológicos associados à placentite incluem fungos, vírus, bactérias e protozoários. Quanto aos tipos, são descritos quatro padrões de placentite: ascendente, difusa, multifocal e a mucóide focal. Este estudo tem como objetivo realizar uma revisão de literatura sobre placentite em éguas, destacando as principais estratégias de diagnóstico, especialmente na detecção precoce, além de medidas preventivas para reduzir a incidência da doença.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

A revisão de literatura focou na placentite em éguas, utilizando fontes como Google Acadêmico, PubMed, Scielo, e o Portal de Periódicos CAPES, além de livros especializados. Foram selecionados artigos de 2000 a 2024, em inglês e português, usando palavras-chave como "placentite equina" e "diagnóstico precoce". O estudo analisou etiologia, diagnóstico e manejo da placentite, destacando métodos de detecção precoce, abordagens terapêuticas e o impacto econômico no setor.

3 REVISÃO DE LITERATURA

O acompanhamento gestacional em equinos tem se consolidado como uma estratégia essencial para monitorar a saúde materno-fetal (Duque, 2023). Esse monitoramento permite a detecção precoce de complicações e garante que a placenta desempenha suas funções de forma eficiente, assegurando a manutenção da gestação e o desenvolvimento adequado do feto. Dessa forma, aumenta-se a probabilidade do nascimento de um potro saudável, capaz de se desenvolver adequadamente (Aguiar, 2022).

Entre os diferentes tipos de placentite, três padrões são mais comumente descritos: ascendente, difusa ou multifocal e focal mucóide (Krebs, 2019). A placentite ascendente é a forma mais comum e ocorre quando a infecção entra no útero através da cérvix (Prochno, 2018). A placentite geralmente se manifesta no final da gestação, com sinais como desenvolvimento precoce do úbere e corrimento vaginal mucopurulento, devido ao aumento dos progestágenos pela inflamação placentária. Após o nascimento, a avaliação das faces alantoideana e coriônica da placenta revela informações sobre a qualidade da vida intrauterina do potro (Figura 1).

Figura 1: Placenta em formato de 'F' para avaliação macroscópica, a face coriônica é caracterizada pela coloração avermelhada e um aspecto aveludado por conta da presença de

microcotilédones (A). Já a face alantoideana, demonstra uma coloração de roxo para azulada (B).



Fonte: Arquivo pessoal.

O diagnóstico definitivo da placentite é realizado através da avaliação macroscópica da placenta, cultura bacteriológica e exame histopatológico do alantocóron e do feto abortado. Em casos de placentite ascendente, são observadas as lesões características, como espessamento e descoloração da estrela cervical, e a presença de exsudato fibronecrótico. Já a face coriônica, pode apresentar-se espessa e coberta por secreção castanho avermelhada (Aguiar, 2022). Durante a gestação, o diagnóstico baseia-se na avaliação clínica e na ultrassonografia transabdominal e transretal que permite avaliar as anormalidades na placenta, cordão umbilical, fluido uterino e no feto.

Estes exames podem evidenciar um aumento da espessura da junção útero-placentária (JUP), sendo este achado fundamental no diagnóstico e monitoramento de gestações de risco (Aguiar, 2022). Além da avaliação da JUP, a avaliação da ecogenicidade dos fluidos fetais também pode ser realizada. O aumento da turbidez dos fluidos fetais está associado ao aborto iminente. Contudo é necessário diferenciar entre turbidez fisiológica, associada à idade gestacional avançada ou diarreia fetal por estresse, e turbidez patológica relacionada a infecção placentária. O acúmulo de conteúdo purulento de característica hiperecótica no exame ultrassonográfico, que se acumula como grumos entre a placenta e o endométrio, associado ao espessamento do âmnio e da placenta são fortes indicativos de placentite (Aguiar, 2022). Através da ultrassonografia também podemos observar o deslocamento da placenta. A avaliação da placenta equina deve ser algo realizado na rotina tanto durante a gestação como após o nascimento do potro, já que essa avaliação fornece informações de como foi a vida intrauterina do potro.

O tratamento visa prolongar a gestação, para que ele tenha tempo de atingir a maturação completa. A terapia inclui o controle da infecção bacteriana, inibição da produção de citocinas pró-inflamatórias e manejo da atividade miométrial.

O prognóstico para éguas com placentite é variável. A função reprodutiva pode ser comprometida, uma vez que gestações subsequentes apresentam maior risco. Para o potro, o prognóstico depende da idade gestacional no momento da infecção, da patogenicidade do agente causal, susceptibilidade da égua relacionada à resposta imunológica e da eficácia do tratamento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido à sua importância como causa de abortos e partos prematuros, o diagnóstico e tratamento da placentite são cruciais. A ultrassonografia no terço final da gestação, especialmente em éguas predispostas, é fundamental para diagnóstico precoce e sucesso no tratamento. O monitoramento contínuo ajuda a garantir potros saudáveis, beneficiando a reprodução e a economia da Equideocultura.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Gabriela da Silva. Placentite em éguas: revisão de literatura. 2022. 17 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Medicina Veterinária) – Centro Universitário Presidente Antônio Carlos – UNIPAC, Juiz de Fora, 2022.

ALFIERI, A. A.; ALFIERI, A. F. Doenças infecciosas que impactam a reprodução de bovinos. *Revista Brasileira de Reprodução Animal*, v. 41, n. 1, p. 133–139, 2017.

BRINSKO, S. P. et al. *Manual of Equine Reproduction*. 3. ed. Elsevier Saunders, 2011. p. 100-110.

DUQUE, Isadora de Castro. **ACOMPANHAMENTO E MONITORAMENTO DA ÉGUA GESTANTE: revisão de literatura**. 2023. 17 f. TCC (Graduação) - Curso de Medicina Veterinária, Centro Universitário Presidente Antônio Carlos, Juiz de Fora, 2023.

KREBS, Juliana Rossato. Diagnóstico reprodutivo de equinos submetidos à monta controlada. 2019. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Medicina Veterinária) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

LEBLANC, M. M. Ascending placentitis in the mare: an update. *Reproduction in Domestic Animals*, v. 45, p. 28-34, 2010.

LIMBADO, Beatriz Gomes. Teriogenologia equina: método de diagnóstico clínico de placentite e relato de dois casos de criptorquidismo. 2022.

RAIOL, Débora Thaís de Souza. Diagnóstico reprodutivo de equinos submetidos à monta controlada. 2016. 26 f. Tese (Doutorado em Medicina Veterinária) – Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém, 2016.

PROCHNO, Hanna Caroline et al. Placentite em éguas: uma revisão. *Nucleus Animalium*, v. 10, n. 2, p. 35-46, 2018.